



Jefferson Farias*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é oferecer uma articulação do pensamento de G.F.W. Hegel (1770-1831) a partir das noções de Ser e Devir como ponto de partida da *Ciência da Lógica* e do conceito de Verdade na Introdução da *Fenomenologia do Espírito*. Esses conceitos fundamentais possibilitam não somente perscrutar o princípio de onde o autor parte para erigir o seu sistema, mas uma espécie de trilha que aponta para o seu ponto de chegada. O relativamente recente interesse na *Ciência da Lógica* como base para compreensão adequada da sistematização das determinações do real lançam luz ao problema do início e da possibilidade da filosofia. O ser, como ponto de partida, deve encontrar na consciência um lugar para determinações ulteriores, sobretudo no tratamento acerca da verdade, de modo mais claro no início da *Fenomenologia do Espírito*. Pensamos encontrar nesses dois locus fundamentais noções suficientes do modo como Hegel propõe as determinações do ser como realidade para a consciência, como verdade. Aqui será suficiente asseverar uma “ontologia da verdade” como princípio da filosofia.

Palavras-chave: Ser. Devir. Verdade. Ciência da Lógica. Fenomenologia do Espírito.

Being and Becoming at the beginning of the *Science of Logic* and the notion of Truth in the introduction of the *Phenomenology of the Spirit*: roots and assumptions of the hegelian proposal

ABSTRACT

The objective of this work is to offer an articulation of the thoughts of G.F.W. Hegel (1770-1831) based on the notions of Being and Becoming as a starting point for the *Science of Logic* and the concept of Truth in the Introduction to the *Phenomenology of Spirit*. These fundamental concepts make it possible not only to examine the principle from which the author starts to build his system, but a kind of trail that points to an arrival point. The relatively recent interest in the *Science of Logic* as a basis for an adequate understanding of the systematization of determinations of reality sheds light on the problem of the beginning and possibility of philosophy. Being, as a starting point, must find a place in consciousness for further determinations, especially in the treatment of truth, most clearly at the beginning of the *Phenomenology of Spirit*. We think we find in these two fundamental loci sufficient notions of the way in which Hegel proposes the determinations of being as reality for consciousness, as truth. Here it will be enough to assert an “ontology of truth” as a principle of philosophy.

Keywords: Being. Becoming. Truth. Science of Logic. Phenomenology of Spirit.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: sandaimejef@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0902148937639418>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9691-631X>.

O Ser e o Devir no início da *Ciência da Lógica* e a noção de Verdade na introdução da *Fenomenologia do Espírito*: raízes e pressupostos da proposta hegeliana

1 Introdução

A filosofia, desde seu princípio, se caracteriza como o saber que tematiza o todo da realidade a partir da busca pelo seu fundamento. A grande questão é a partir de qual fundamento se deve pensar o todo. O pensamento filosófico procura dispor das realidades plurais partindo da unidade que as origina e, por isso, é o princípio de sua inteligibilidade. Ela é, portanto, metafísica, nascida da intuição do ser. Pensar o absoluto para tematizar os relativos: eis o ponto de partida da filosofia.

A *ciência dos primeiros princípios*¹ tem como pressuposto certa unidade entre *ser e pensar*². O pensamento grego, que possibilitou o nascimento da filosofia, assume que o *Logos* dispõe de todas as coisas no universo, e que o ser humano pode acessar pela razão essa totalidade, pois é, de certo modo, todas as coisas. Dizer a realidade, atracar o pensar no ser, assim, não era objeto em questão, mas ponto de partida para se pensar filosoficamente. Esse pressuposto, entretanto, foi largamente criticado na modernidade.

Chega-se então à ruptura entre ser e pensar operada pelo criticismo de Kant, que estabelece a modernidade como um abandono radical do paradigma próprio da filosofia desde seus primórdios. Essa é crítica à filosofia primeira que instaura a revolução copernicana operada pela filosofia transcendental, assumindo que a metafísica não dá conta de provar seus pressupostos. Neste sentido, a modernidade apresenta-se como uma inversão radical do pensamento clássico. Para Lima Vaz (2002, p. 351), a modernidade filosófica trouxe a “passagem decisiva do regime gnosiológico do ser ao regime gnosiológico da representação”.

Deve-se, nessa perspectiva, na esteira do Idealismo Alemão, catalogar Hegel como a mais audaz tentativa de retornar o *pensar ao ser*, de devolver o pensamento à realidade. A *Ciência da Lógica*, assim, se caracteriza como *filosofia primeira*, “voltada à interrogação sobre o começo do conhecimento, sobre o ser e suas determinações categoriais” (ROSENFELD, 2013, p. 1), fundamento sobre o qual o autor pretende construir seu pensamento e tematizar as determinações posteriores do absoluto. O plano conceitual em que se insere é fundamento do real mesmo e, de certo modo, é o *mais real*.

¹ *Metaph. A, α e B.*

² Presente no pensamento ocidental desde Parmênides.

Apresentar ao lado do princípio da Ciência da Lógica, o conceito de verdade presente na Introdução da Fenomenologia do Espírito explicita não somente uma espécie de compreensão evoluída organicamente, mas também explora e esclarece ambas as questões fundamentais. Qualquer filósofo deve apresentar seu ponto de partida e a compreensão de verdade da qual dispõe para produzir seu intento filosófico. A compreensão aqui deve explorar o método hegeliano nos seus meandros fundamentais de uma perspectiva introdutória.

2 O ser como ponto de partida da *Ciência da Lógica*

A questão do começo é fundamental para todo o Idealismo Alemão, justamente pela necessidade de dialogar com Kant. Na *Ciência da Lógica*, ao contrário das outras ciências, não há nenhuma pressuposição possível, nenhum discurso acerca do método ou discussões preliminares, pois todas essas coisas já fazem parte de seu conteúdo, e devem ser fundamentadas em seu próprio interior (HEGEL, 2016, p. 26). Segundo Nicolau (2008, p. 59),

Assim expõe Hegel a questão central desse problema – a saber, como se faz o começo –, o que demonstra seu compromisso com os ideais já buscados por Fichte e Schelling sobre o começo, que tem que ser absoluto, não pressupondo nada, nem sendo mediado por nada ou ter um fundamento, pois deve ser ele mesmo o fundamento de si e de toda a ciência. Portanto, tem que ser absolutamente algo imediato, indeterminado e sem conteúdo, o que, segundo Hegel, somente poderia ser o puro ser.

Desse modo, o pensamento de Hegel se caracteriza como crítica radical enquanto pergunta pelo pressuposto dos pressupostos, já que nesse nível, enquanto *Lógica*, o pensamento pensa aquilo que ele pressupõe para compreender tudo e qualquer coisa. O ser puro, então, aparece como propício para o começo absoluto na medida em que, no plano conceitual do discurso da *Lógica*, garante a imediatividade, indeterminidade e a falta de conteúdo que requer o pensamento dialético do real, pois, segundo o pensador alemão,

Ser, puro ser, – sem nenhuma determinação ulterior. Em sua imediatividade indeterminada ele é igual apenas a si mesmo, e também não desigual frente a outro: não tem diversidade alguma dentro de si nem para fora. Através de uma determinação ou conteúdo qualquer que seria nele diferenciado ou por meio do qual ele seria posto como diferente de um outro, ele não seria

fixado em sua pureza. Ele é a indeterminidade é o vazio puros. – Não há *nada* a intuir nele, caso aqui se possa falar em intuir; ou ele é apenas este mesmo intuir puro, vazio. Tampouco há algo nele que se possa pensar ou ele é, igualmente, apenas este pensar vazio. O ser, imediato indeterminado é, de fato *nada*, e nem mais e nem menos do que nada (HEGEL, 2016, p. 85).

Nesses termos, pensar o ser puro é idêntico ao mero pensar sem qualquer nível de determinação ou conteúdo, é o pensamento enquanto indigente, vazio. Intuir puro, pensar puro, vazio puro, pura indeterminidade, o ser só pode ser nada. E pensar o ser, desse modo, é efetivar um pensar vazio ou, para dizer com Utz (2005), uma tabula rasa, fazendo-se exatamente o que o pensar puro faz no início do seu desenvolvimento. O ser puro, como *minimum cogitum*³, identifica-se ao nada, pois que,

Nada, o puro nada; ele é igualdade simples consigo mesma, perfeita vacuidade, ausência de determinação e conteúdo: indiferencialidade nele mesmo. – Na medida em que intuir ou pensar podem ser aqui mencionados, então, vale como uma diferença, se algo ou *nada* é intuído ou pensado. Intuir ou pensar nada tem, então, um significado; ambos são diferenciados, então nada é (existe) em nosso intuir ou pensar; ou, antes, ele é o próprio intuir ou pensar vazios e é o mesmo intuir ou pensar vazios que o ser puro. – Nada é, com isso, a mesma determinação ou, antes, ausência de determinação e, com isso, em geral, o mesmo que o ser puro é (HEGEL, 2016, p. 85).

O nada é, de forma idêntica ao ser, vazio e indeterminado, pura vacuidade de conteúdo. Assim, no plano conceitual, ser e nada coincidem. Mas qual o significado disso para o momento fonte da *Ciência da Lógica*, ou para a questão acerca do começo absoluto? O mínimo de determinação, que articula radicalmente *ser e nada* numa relação fundamental, é, para Hegel, o começo da ciência justamente pela necessidade de se ir do mais geral, o minimamente determinado, para avançar progressivamente rumo ao conteúdo do próprio modo de conceituação, assim, chegando a totalidade determinada contéudal do pensar. Os momentos desse progressivo pensar estão inseridos no plano conceitual, onde a relação *ser-nada* coloca o pensamento em movimento, fazendo surgir o *devir*.

2.1 O *Devir* como princípio de movimento do pensar

Se o ser e o nada são o mesmo, não o são de forma estática, imóvel, muito

³ Mínimo pensado.

pelo contrário. O devir é a passagem do ser ao nada e do nada ao ser, o intercâmbio entre os dois opostos-idênticos e, portanto, o movimento fundamental no interior mesmo do pensamento. Nesse estágio conceitual, o movimento passa a ser a verdade do pensamento que se pensa a si mesmo, no que diz Hegel,

O puro ser e o puro nada são, portanto, o mesmo. O que é a verdade não é nem o ser nem o nada, mas que o ser não passa, mas passou para o nada, e o nada não passa, mas passou para o ser, igualmente, porém a verdade não é sua indiferencialidade mas que eles não são o mesmo, que são absolutamente diferentes, mas são igualmente inseparados e inseparáveis e cada um desaparece em seu oposto imediatamente. Sua verdade é, então, esse movimento de desaparecer imediato um no outro: o devir, um movimento no qual ambos são diferentes, porém, através de uma diferença que igualmente se dissolve imediatamente (2016, p. 86).

Essa constante passagem dialética de um para o outro, de um no interior do outro, constitui a primeira suprassunção no plano do puro conceito. É dita a sua *verdade*, na medida em que é real. Pensar no ser é pensar no nada, justamente por que, na realidade, ser e nada são a articulação fundamental na qual a dialética do real se radica. Assim,

Tal unidade é tida por Hegel como a própria realidade, que antes de tudo é dialética, pois a verdadeira realidade se constitui não só de ser e nem só de nada, mas sim de um transpassar de um transpassado ao outro, da passagem constante do ser no nada e do nada no ser. O ser se transforma no nada ao mesmo tempo que o nada se transforma em ser, de forma que pensar em um deles já é pensar no outro, pois este “cair no outro” é algo tão incessante que não há forma de tê-los separadamente, a isso Hegel chama o devir: o constante nascer-morrer, que faz com que tanto o ser como o nada desapareçam e reapareçam um no outro [...] Mas dessa dialética surge uma negação da negação, que se torna uma afirmação, ou seja, um positivo, que aqui na Lógica será anunciado como ser, nesse caso, o ser-aí que surge do devir (NICOLAU, 2008, p. 117).

O devir, no que tange o desaparecer do ser no nada, e do nada no ser que, de acordo com Hegel (2016, p. 110), contradiz a si mesmo, na medida em que unifica em si aquilo que é oposto a si, na dialética da identidade na diferença se destrói e, nesse movimento, o devir é suprassumido. Segundo Hegel (2016, p. 111), “algo é suprassumido na medida em que entra em unidade com o seu oposto; nesta determinação mais precisa como um refletido, ele pode ser mais adequadamente denominado *momento*”. O devir é visto, pois, como um terceiro elemento capaz de fazer do movimento do pensar uma mediação para o real da determinidade do *Dasein*,

o ser *aí*, que tem um lugar importantíssimo no processo.

O ser *aí* é o devir tido como resultado, na medida que, segundo Nicolau (2008, p. 74), o ser se torna mediado. Até o presente ponto, não havia mediação, visto que o puro ser-em-si do ser, ou do nada, é idêntico em si mesmo e, portanto, imediato. A mediação, a relação, é um elemento necessário para o surgimento da realidade, é necessário para o movimento dialético do real. No *Dasein*, o ser e o nada permanecem conservados numa unidade determinada, *momentos* determinados, tornam-se algo outro, no que diz Hegel,

O sentido e a expressão mais precisos que ser e nada adquirem, na medida em que são, a partir de agora, *momentos*, devem surgir na consideração do ser *aí* como na unidade na qual são conservados. Ser é ser e nada é nada apenas em sua diferencialidade um do outro; na verdade deles, porém, na unidade deles, desaparecem como essas determinações e são agora algo outro. Ser e nada são o mesmo; *porque são o mesmo, não são mais ser e nada* e têm uma determinação diversa; no devir, eram nascer e perecer; no ser *aí*, como uma unidade determinada de outro modo, eles são novamente momentos determinados de outro modo. Essa unidade permanece agora base deles, da qual eles não saem mais para o significado abstrato de ser e nada (2016, p. 112).

Essa determinação diversa no ser *aí* é a articulação da realidade na qual o ser e o nada permanecem numa unidade de algo outro. A determinação do ser *aí* pode ser esclarecida como a relação entre luz e trevas. Na luz absoluta não se pode simplesmente ver, distinguir ou delimitar algo, como no ser puro. Na absoluta escuridão, tampouco se pode determinar algo pela vista, como no nada. É necessário, pois, o contraste da luz na escuridão, das sombras na luz, para que se possa ver algo de modo determinado, esclarecido, como é necessário o ser no nada, e o nada no ser, determinado no ser *aí* do real. Assim, através da dialética é possível partir de um imediato indeterminado e alcançar o mediato determinado.

3 A verdade na introdução da Fenomenologia do Espírito

Ao introduzir a *Fenomenologia do Espírito*, Hegel inicia por apresentar-nos o processo pelo qual seu método se dá. Dando ênfase na perspectiva da verdade, demonstrando sua importância para o empreendimento filosófico e distinguindo-a para suprimir possíveis erros. Esse empreendimento, o do método fenomenológico, pode ser descrito como uma forma de pesquisa que:

Analisa seus objetos simplesmente enquanto são dados ao investigador, na forma de seu ser-dado a nós, na forma de sua aparência. Ela não pergunta se existe algo atrás das aparências e muito menos o que seja isto, assim como ela não pergunta qual seja a relação do objeto fenomenológico e este “objeto atrás” ou qualquer outro objeto. Noutras palavras, a fenomenologia não se ocupa nem com questões ontológicas, nem epistemológicas (UTZ, 2006, p. 1).

Portanto, é na *experiência da consciência* que o método hegeliano cria suas bases. O *ser dado* pela sua aparência nos dá a experiência fenomenológica de uma forma incompleta, sendo necessária, então, a experiência da consciência enquanto sujeito que conhece. Em Hegel, a verdade segue esse movimento da consciência que se percebe enquanto dialético, conhecedor do que se apresenta-lhe. Esse é o caminho fenomenológico que, segundo o autor, deve ser considerado como “o caminho da consciência natural que abre passagem rumo ao saber verdadeiro” (HEGEL, 2014, p. 72). A esse saber verdadeiro buscar-se-á rastrear aqui.

A esse caminho, Hegel dá o nome de *caminho da dúvida ou do desespero*, pois a *consciência natural*, ao tomar-se como saber real que tem uma atribuição negativa, ao realizar o conceito, perde-se a si mesma, em outras palavras, ao afirmá-lo, nega a si sua própria verdade. Mas não é esse caminho do desespero um mero desvanecer, se arrepender e retornar à mesma verdade antes concebida. Esse caminho é frutífero quando “a dúvida é a penetração consciente na inverdade do saber fenomenal; para esse saber o que há de mais real é antes somente o conceito irrealizado” (HEGEL, 2014, p. 73). Esse ceticismo é tido como um bom instrumento para iniciar uma penetração na consciência e adentrar no fenômeno como objeto. Mas ele não é suficiente, visto que, mesmo alcançando a perfeição, não serve aos propósitos do zelo pela verdade que a ciência busca por autonomia.

Ao percorrer esse caminho a consciência entra em contato com uma série de figuras que se mostram como “a história detalhada da formação para a ciência da própria consciência” (HEGEL, 2014, p. 73). O que demonstra ser o caminho certo, mas, indubitavelmente, a escolha de sua própria opinião à autoridade da ciência, mesmo certa, não muda o conteúdo mesmo da verdade, e a única diferença dessa escolha está na vaidade. Mesmo assim, ao contrário do que se pensa, diz o autor:

Ao contrário, o ceticismo que incide sobre todo o âmbito da consciência fenomenal torna o espírito capaz de examinar o que é verdade, enquanto leva a um desespero, a respeito de representações, pensamentos e opiniões naturais. É irrelevante chamá-los próprios ou alheios: encham e embaraçam

a consciência, que procede a examinar diretamente [a verdade], mas por causa disso é de fato incapaz do que pretende empreender (HEGEL, 2014, p. 73, §78).

Esse modo de examinar o que é verdade traz à tona a verdade do sujeito. Nesse momento da consciência natural, passando pela *negação determinada*, o processo já se produz por si mesmo. Porém, tendo o saber uma meta fixada equivalente à do processo, diz Hegel: “a meta está ali onde o saber não necessita ir além de si mesmo, onde a si mesmo se encontra, onde o conceito corresponde ao objeto e objeto ao conceito” (HEGEL, 2014, p. 74). Sendo a consciência para si mesma seu conceito, esse limite lhe pertence, e ir além deste significa ir além de si mesma.

Caracterizado como um sistema fechado, esse processo necessita de um método de desenvolvimento sobre o qual, diz o filósofo:

Parece que essa exposição, representada como um procedimento da ciência em relação ao saber fenomenal e como investigação e exame da realidade do conhecer, não se pode efetuar sem um certo pressuposto colocado na base como padrão de medida (HEGEL, 2014, p. 75, § 81).

Mais adiante argumenta que, sem uma medida, não há padrão de medida, portanto nem correto ou incorreto, nem igualdade nem desigualdade, portanto, não há método. Para Hegel, “a mediada em geral, e também a ciência, se for medida, são tomadas como essência ou como coisa em si” (HEGEL, 2014, p. 75). Assevera isso dizendo que, nesse estágio, a ciência que está surgindo, não podendo ser justificada como essência ou coisa em si, parece não ser viável para ocorrência de nenhum exame. Mas a consciência que “distingue algo de si e ao mesmo tempo se relaciona com ele”, nas palavras de Hegel, dá a conhecer essa contradição e sua remoção. Mesmo assim, “esse aspecto determinado desse relacionar-se – ou do ser de algo para uma consciência – é o saber”, e comumente não é tido como o fim do processo:

Nós, porém, distinguimos desse ser para um outro ser-em-si; o que é relacionado com o saber também se distingue dele e se põe como *essente*, mesmo fora dessa relação: o lado desse Em-si chama-se *verdade*. O que está propriamente nessas determinações não nos interessa [discutir] mais aqui; pois, enquanto nosso objeto é o saber fenomenal, suas determinações são também tomadas como imediatamente se apresentam; e, sem dúvida, que se apresentam como foram apreendidas (HEGEL, 2014, p. 75, § 82).

O autor mostra claramente que seu método se preocupa com o *Em-si* enquanto para a consciência, no *apresentar-se* fenomenologicamente. Qualquer objeto que fosse examinado assim formaria não um saber do objeto *Em-si*, mas seu ser *para nós*. Assim diz Hegel ao investigar a verdade do saber:

Se investigarmos agora a verdade do saber, parece que estamos investigando que o saber é em si. Só que nesta investigação ele é *nosso* objeto; é *para nós*. O *Em-si* do saber resultante dessa investigação seria, antes, se ser *para nós*: o que afirmássemos como sua essência não seria sua verdade, mas sim nosso saber sobre ele. A essência ou o padrão de medida estariam sem nós, eo [objeto] a ser comparado com ele e sobre o qual seria decidido através de tal comparação não teria necessariamente de reconhecer sua validade (HEGEL, 2014, p. 76, § 83).

Nessa perspectiva, o método não questiona o objeto “*por trás*” das aparências, mas enquanto é dado ao sujeito. Sua investigação mostra-se, portanto, fora do campo ontológico ou epistemológico que rastreiam o *ser-em-si* como algo fora da consciência, uma essência independente e distante e, portanto, por si própria. Segundo Utz (2006):

Ela (fenomenologia do espírito) é uma teoria das formas de aparência da consciência (e, portanto, do espírito). Sua meta é mostrar que existem várias “formas da consciência”, que essas podem, em geral, ser verdadeiras ou falsas e que existe apenas uma forma da consciência que de fato é verdadeira: o Saber Absoluto. Este transcende a consciência, ou, melhor dizendo, transcende aquela forma da aparência do Espírito à qual Hegel reserva o termo técnico “consciência”. No Saber Absoluto o Espírito não é mais consciência, mas “saber”.

Percebe-se, pois, que é a consciência que desempenha o papel principal e a verdade aqui é tratada de acordo com ela. Tendo o método a necessidade intrínseca da medida para a correlacionar ao fenômeno, uma importante questão é como ocorre o processo de medida. Sobre isso, diz o autor: “A consciência fornece, em si mesma, sua própria medida; motivo pelo qual a investigação se torna uma comparação de si consigo mesma, já que a distinção que acaba de ser feita incide na consciência” (HEGEL, 2014, p. 76). Essa comparação se traduz na capacidade, inerente à consciência, de abarcar e traduzir tudo enquanto fenômeno. Porém a consciência não somente é medida para o objeto e, por consequência, para si mesma, mas também para o seu saber:

Há para a consciência um *para* um Outro, isto é, a consciência tem nela a *determinidade* do momento do saber. Ao mesmo tempo, para a consciência, esse Outro não é somente *para ela*, mas é também fora dessa relação, ou seja, *é em si*: o momento da verdade. Assim, no que a consciência declara dentro de si como o *Em-si* ou o verdadeiro, temos o padrão que ela mesma estabelece para medir o seu saber (HEGEL, 2014, p. 76, § 84).

Essa perspectiva se traduz em dois momentos: *conceito* (podendo ser denominado *saber, essência* ou *Em-si* do objeto) e *objeto* (podendo ser denominado *o verdadeiro, essente* ou *o próprio conceito como objeto*). De acordo com isso, Hegel afirma: “o exame consiste em ver se o objeto corresponde ao seu conceito” (HEGEL, 2014, p. 76). Lembrando sempre que *é objeto* para a consciência, e *conceito* enquanto processo também na consciência. Portanto, esses dois momentos, estando presentes na consciência mesma, enquanto “padrão de medida” (conceito) e “o que deve ser testado” (objeto), significam que “a consciência examina a si mesma”, decorrendo disso que “só nos resta o puro observar” (HEGEL, 2014, p. 76). Sobre essa relação, o autor formula que:

Com efeito, a consciência, por um lado, é consciência do objeto; por outro, consciência de si mesma: é consciência do que é verdadeiro para ela, e consciência de seu saber da verdade. Enquanto ambos são *para a consciência*, ela mesma é sua comparação: *é para ela mesma* que seu saber do objeto corresponde ou não a esse objeto (HEGEL, 2014, p. 77, § 85).

Fica evidente então que nada pode estar fora da consciência. O objeto é enquanto aparece a consciência e esta não pode ir buscá-lo fora de si. Justamente por isso, o exame pode basear-se na distinção dada para a consciência entre os dois momentos supracitados. O *Em-si*, então, não é mais em si, sempre foi “*em si para ela*” enquanto na consciência. Porém, “o exame não é só um exame do saber, mas também de seu padrão de medida” (HEGEL, 2014, p. 77), o que significa dizer que o exame se põe também sobre a própria estrutura da consciência. Esse autoexaminar-se da consciência é o que lhe permite a *experiência* de si mesma: “Esse movimento dialético que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, enquanto dele surge o novo objeto verdadeiro para a consciência, é justamente o que se chama *experiência*” (HEGEL, 2014, p. 77).

Sobre o desenvolvimento do processo, essa passagem do *Em-si* para o *ser-para-ela desse Em-si*, diz Hegel, “vemos que a consciência tem agora dois objetos: um, o primeiro *Em-si*; o segundo o *ser-para-ela desse Em-si*” (HEGEL, 2014, p. 78).

Trata disso mais completamente adiante, ao expressar:

É assim que o processo aqui se desenvolve: quando o que se apresentava primeiro à consciência como objeto, para ela se rebaixa a saber do objeto – eo *Em-si* se torna um *ser-para-a-consciência do Em-si* – esse é o novo objeto, e com ele surge também uma nova figura da consciência, para qual a essência é algo outro do que era para a figura precedente [...]. Portanto, no movimento da consciência ocorre um momento do *ser-em-si* ou do *ser-para-nós*, que não se apresenta à consciência, pois ela mesma está compreendida na experiência [...]. *Para ela*, o que surge só é como objeto; *para nós*, é igualmente como movimento e vir-a-ser (HEGEL, 2014, p. 79, § 87).

É por ter a si mesma como objeto do saber que a consciência, enquanto busca no processo a verdade do *Em-si*, chega a experiência de si mesma. Ela dá-se a si mesma, ela experimenta-se a si mesma, ela apresenta-se a si mesma somente enquanto se mantém em contato com o objeto, o *Em-si*. Caminhando para o fim da introdução da *Fenomenologia do Espírito*, o processo do caminho da ciência se afirma como *ciência do caminho*, algo que explicita ao afirmar que “é por essa necessidade que o caminho para a ciência já é ele mesmo, e portanto, segundo seu conteúdo, é ciência da experiência da consciência” (HEGEL, 2014, p. 79). Essa experiência não pode dar a si mesma nada menos que o *sistema completo da consciência* ou o *reino total da verdade do espírito*. Sendo esses momentos *figuras da consciência*, não podem ser abstratos ou puros, mas somente enquanto relação para com a consciência.

A consciência, ao abrir caminho rumo à sua verdadeira existência, vai atingir um ponto onde se despojará de sua aparência: a de estar presa a algo estranho, é só para ela, e que é como um outro. Aqui a aparência se torna igual à essência, de modo que sua exposição coincide exatamente com esse ponto da ciência autêntica do espírito. E, finalmente, ao apreender sua verdadeira essência, a consciência mesma designará a natureza do próprio saber absoluto (HEGEL, 2004, p. 79, § 89).

Ao despojar-se de sua aparência, deixa para trás a falha ideia de que há algo outro fora de si, e então atinge a plena igualdade entre sua aparência e sua essência e, tendo chegado à ciência autêntica do espírito, chega a apreender sua verdadeira essência e ela mesma, tendo percorrido todo esse longo processo, definirá, como medida absoluta, a natureza do saber absoluto, instância última da verdade e da ciência.

Conclusão

Como filosofia primeira, Hegel parece tematizar, na *Ciência da Lógica*, as determinações lógicas do pensar, de maneira que nada a escape. Desse modo, a lógica pressupõe a coisa na medida em que é pensada, ou enquanto ideia pura, livre da oposição da consciência, tratando daquilo que tudo o que é compreendido pressupõe para poder ser compreendido, noutras palavras, se propõe como uma crítica radical, que pergunta pelo pressuposto dos pressupostos. A lógica se propõe, então, como formal, na medida em que trata do real de modo categorial, não de suas determinações efetivadas como as ciências do real enquanto conteúdo. Assim, a totalidade das coisas está presente no quadro lógico enquanto pressuposto de possibilidade do conhecimento do todo, sistematizando a explicitação da *Ciência da Lógica* como estruturação do esboço, ou planta arquitetônica na qual o real determinado se estrutura.

Quanto ao tema da verdade, fica claro o capital papel da consciência enquanto campo único e termo exclusivo da verdade e do conhecimento. Poder-se-ia dizer ainda que, nos termos médios do caminho que a consciência faz, como método da verdade, é em um sistema fechado que a verdade opera, sendo então como medida sua, a consciência que se relaciona com o objeto e adequa o conceito criado por essa relação a si mesma. Aqui a verdade é, pois, a ação da consciência sobre si mesma, sua medida sobre si mesma, sua determinação sobre si mesma. Porém, é no fim do processo que realmente a verdade se encontra, enquanto a consciência traz em si a identidade absoluta de sua aparência com sua essência.

Desvelando-se no saber absoluto, a consciência torna-se detentora da verdade e da ciência, tanto como do saber que sabe e de sua autorreferência. Ela não precisa buscar fora dela a verdade, pois é nela que a verdade acontece, sua ação desvela a verdade escondida. Não há nada fora da consciência. Tudo lhe pertence. E é daí que Hegel irá formular todo o seu sistema. Um sistema que traz à tona o rastro do caminho que a consciência faz até o saber absoluto. A *Fenomenologia do Espírito* não nos apresenta somente mais uma nova forma de filosofia, mas mostra a perspectiva imponente do saber fenomenológico.

A intuição fundamental da necessidade de superar a dicotomia kantiana, que gera a tentativa de devolver o pensar para o ser, é, sem dúvida, um acerto

estrutural na filosofia hegeliana. Essa tentativa, em Hegel, assume uma forma que, por mais que se tenha tornado célebre entre os filósofos como um todo, também é alvo de duras críticas que, de forma justa, buscam determinar o valor de suas colocações e o alcance de suas intenções. De fato, essa espécie de Idealismo é estranha ao modo de estruturação do pensamento filosófico mais recente, por mais que dialogar com Hegel seja sempre um desafio necessário.

O contato com o esforço autêntico de devolver-nos a possibilidade de conhecer a realidade é sempre proveitoso, sobretudo na medida em que nos interpela acerca da própria inteligibilidade do real e de seus pressupostos. Se a forma como Hegel tenta resolver essa questão fundamental é insuficiente, cabe a nós prosseguir na mesma prerrogativa pela busca dos pressupostos fundamentais de articulação do real e de sua inteligibilidade. Podemos, assim, colocar-nos nos ombros de um gigante para olhar além das delimitações do paradigma da representação, a fim de superar a posição negativa sobre nossa capacidade de conhecer, também numa superação de seu idealismo.

Referências

EULER, Werner Ludwig. O projeto da Ciência da Lógica de Hegel e o problema do início da Filosofia. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2017, p. 176-192, 2017.

HEGEL, Georg Friedrich. **Ciência da Lógica: doutrina do ser**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

HEGEL, Georg Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. A metafísica na modernidade. *In: Filosofia e Cultura: Perspectiva Histórica*. 2.ed. São Paulo: Ed Loyola, 2002.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio. **Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

MAYBEE, Julie. **Picturing Hegel: An illustrated guide to Hegel's encyclopedia logic**. USA: Lexington Books, 2009.

NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre. **O ser como começo da Ciência: a Ciência da Lógica de Hegel**. 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Curso de Programa Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará, 2008.

ROSENFELD, Denis Lerrer. A Ciência da Lógica de Hegel como Filosofia primeira. **Revista Ágora Filosófica**, v. 13, n. 1, 2013, p. 201–216.

UTZ, Konrad. A questão do método na Fenomenologia do Espírito. *In*: CHAGAS, Eduardo Ferreira; UTZ, Konrad; OLIVEIRA, James Wilson (Orgs.). **Comemoração aos 200 anos da Fenomenologia do Espírito de Hegel**. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 83-104.

UTZ, Konrad. O método dialético de Hegel. **Veritas**, Porto Alegre, v. 50, n. 1, 2005, p. 165-185.

UTZ, Konrad. O projeto da ciência da lógica. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, n. 1, dez./2011, p. 43-57.

Recebido em: 09/05/2024
Aprovado em: 16/10/2024